

Interpretação Geográfica*

ISAIAH BOWMAN

Tive em Londres, em junho de 1948, oportunidade de conversar com funcionários do "Ministry of Town and Country Planning", — (Ministério do Planejamento Urbano e Rural) —, sobre o trabalho dos geógrafos que, em número de 40 ou 50, perfazem uma parte do pessoal daquele Ministério. Ouvi apenas entusiásticos louvores a este novo e interessante grupo de técnicos formados nas universidades inglesas. Há três aspectos que tornam os geógrafos particularmente úteis. Primeiro: — Podem interpretar com mais eficiência o vasto manancial de dados geográficos. Este requisito é especialmente verdadeiro em relação ao material cartográfico, pois uma relevante parte do trabalho do Ministério consiste em sínteses de mapas e sua interpretação no campo e em laboratórios. Segundo: — Têm eles uma extraordinária capacidade de reunir os elementos dentro de seus quadros regionais, descentralizando o serviço do Ministério. O aproveitamento da terra não pode ser convenientemente determinado se seu estudo é limitado a um gabinete em Londres. As primeiras deliberações sobre seu uso são tomadas por Conselhos Regionais, em discussões de vizinhos, por assim dizer, e o primeiro requisito para se formar um julgamento é o íntimo conhecimento do terreno e de suas possibilidades. Uma advertência do geógrafo à autoridade, local ou regional, amplia-lhe as decisões, visto estar habilitado a encarar o princípio geral, tanto quanto um caso em particular, discernindo tão bem de longe como de perto. Terceiro: — Alguns geógrafos têm, pelo menos, a capacidade de transpor os limites de sua esfera habitual e pensar, com espírito criador, nas altas normas que devem reger o aproveitamento da terra.

O bom nome de que gozam os geógrafos é resultado de longo período de estudo e prática nas velhas universidades sobre diferentes pontos de vista, a filosofia e a validade da técnica especializada da geografia. Há 50 anos que a geografia vem se aperfeiçoando e lutando por conquistar um lugar no ensino superior, até que hoje as escolas e departamentos geográficos já têm uma feição definida, não só nas universidades de Oxford e Cambridge, de velha tradição e prestígio, como também em outras mais recentes, que nestes últimos 25 anos foram criadas e se desenvolveram em quase todos os centros urbanos da Grã-Bretanha.

AS LIMITAÇÕES DO PLANEJAMENTO

Como é meu propósito identificar um grupo de geógrafos britânicos com o planejamento local e nacional no uso dos recursos, uma palavra de reserva deve preceder minhas ulteriores observações sobre sua fatalidade na Inglaterra, em vista das condições atuais. No planejamento de ordem pública, é mais fácil gritar "para a frente", do que indicar "para onde". Ou, se o raio de ação estiver claro, o alvo ultrapassa o alcance e não sabemos os meios que sempre e em toda parte tendem a clarear ou obscurecer a meta.

Construir uma ponte entre a lógica e o tempo, isto é, entre uma idéia racional e sua aplicação aqui e agora, demanda mais do que uma simples filosofia social divisada de uma torre. Cada propósito de melhorar o destino humano pelo apuro na racionalização ou na ciência traz em si um elemento obscuro que a ciência não pode destruir, — o mistério da contingência do próprio evento humano. Com isto quero significar o mistério da vida que, por sua vez, é modificado por causas imprevisíveis, acidentais, que refletem a estupidez humana, capricho ou simples diferenças de julgamento entre homens capazes em relação ao provável surgimento de uma determinada linha de ação. Cada propósito político precisa, entretanto, começar com uma suposição e terminar com um "se". Na trama da vida o esboço humano não é nunca regular.

Recentemente, em companhia de pessoas que estavam justamente a ouvir uma exposição de eminente engenheiro sanitário, sobre as condições de um projeto perfeito de saúde

* Tradução de ADÉLIA LEITE COELHO do original "Geographical Interpretation", publicado na *Geographical Review*, Vol. XXXIX, n.º 3 — Julho 1949.

pública, um dos ouvintes perguntou o que aconteceria se tôdas as medidas em vigor nesse terreno, fôsem súbitamente interrompidas. A resposta foi: — A metade das pessoas desta sala estaria provavelmente morta em um ano. Esta resposta torna a gente menos cético em relação a certos planos científicos, pelo menos no campo da saúde pública.

Tal como qualquer outro planejamento social, o sanitário torna-se cada vez mais imperioso pelo crescimento urbano. Cidades encontram-se em conflitos por remotas nascentes, porque as fontes são agora, quase em tôda parte, os fatôres do progresso industrial e do crescimento da população. Divertimentos, a produção de madeira, as grandes estradas de rodagem, o saneamento das cidades, a contaminação de rios, são apenas alguns entre os inúmeros motivos de infundáveis disputas pelo uso da terra e água, o que requer sejam estabelecidas regulamentações e prioridades que, por sua vez, demandam um alto grau de planejamento consciente e adequado acôrdo entre planos e interêsses. O conflito entre o navio e o moinho nos rios inglêses é um problema dos mais antigos e que tem exigido contínuos acordos no tocante ao bem-estar público.

A Grã-Bretanha estava em situação perigosa ao se encerrar a 2.^a grande guerra. Apresentava-se, contudo, normal pelo menos em um ponto vital: o caráter e a perseverança não haviam esmorecido. Teve ela que se movimentar com rapidez, em situação idêntica à de uma família quando a criança do vizinho apanha coqueluche. Noventa e oito por cento de sua madeira em condição de venda foram cortados, sua terra superceifada, no esforço de salvar-se da fome, — objetivo da campanha aberta dos submarinos nazis —, e a recuperação teria sido um verdadeiro caos, se o acesso às matérias-primas da indústria, já quase esgotadas, tivesse que depender de polêmicas levianas. The Board of Trade — (Câmara do Comércio) — teve que fazer frente a uma tarefa quase impossível e nenhum milagre se podia esperar dos esforços coloniais de ultramar.

Existem, em nosso país, alguns problemas sôbre florestas, aproveitamento de terras, gastos supérfluos, pesca, racionamento de comidas e vestuário que poderiam ser resolvidos imediatamente. Dentre êles, o aproveitamento da terra permanece em plano superior e antes de se determinar seu uso, requer-se um estudo completo da mesma pela interpretação geográfica.

Por "interpretação geográfica" pretendo significar a interpretação dos elementos que afetam o ambiente, feita por cientistas que conheçam a origem, a variabilidade dos mesmos, a ligação da colheita ao uso apropriado da terra e das possibilidades que as experiências de campo e laboratório tornam realizáveis e o jôgo do processo social envolvido na produção e uso por parte de uma sociedade racional. Sômente pelo conjunto de fatos interpretados, aplicados em condições convenientes por uma sociedade dinâmica, pode o plano nacional evitar os azares que produzem o desperdício e a destruição. Tal interpretação é velha no conceito, mas nova no método. Desta forma é que os chefes Inca e seus conselheiros estão entre os melhores geógrafos empíricos que o mundo jamais conheceu. Reconheciam as grandes diferenças regionais de suas áridas terras, adaptavam a produção de suas lavouras às possibilidades climáticas e ainda dirigiam sua forçada migração pelo princípio da aclimatização. Não exigiam que homens de altitudes baixas trocassem de lugares com os de altitude alta. Aprenderam o valor da terra em alqueive e do guano. Fizeram a experiência com novas colheitas em situações semelhantes. Sua cosmografia era fraca: utilizavam-se da terra e do mar sem um conhecimento sistemático do grande mundo exterior. O que sabiam sôbre a forma da Terra, seu poder hidráulico e sôbre a química do solo, era empírico, pôsto que muitos de seus processos sociais fôsem experimentais e racionais. Para nós, hoje em dia, as possibilidades são maiores que nunca, devido ao grande e variado aparelhamento dos princípios científicos, materiais e instrumentos e uma compreensão técnica das causas e efeitos no panorama de forças só recentemente descobertas.

A necessidade geral de um plano local e racional de aproveitamento da terra, tornou-se patente a tôdas as classes sociais da Inglaterra, depois da 1.^a grande guerra e todos os partidos políticos procuravam amplas soluções. Ao se findar a 2.^a grande guerra, a situação atingiu o ponto culminante da crise. Uma população crescente, 20% subalimentados, produzindo não mais que 40% de seus alimentos, com suas terras ocupadas por objetivos militares, na extensão de 5%, nos tempos de paz, e 20% pela última guerra, vivendo em uma época de intranquilidade, minada pela ruína em alguns distritos, acumulando

problemas locais ao geral, profundamente angustiada pela preservação das mais restritas necessidades, — tantos e tão vários problemas requeriam uma contínua atenção a cada árvore que crescia, a cada regato e a cada alqueire de terra produtiva. Um governo conservador iniciou o estudo de uma tal política, um governo nacional levou-o avante e sob um governo trabalhista o plano tornou-se, por fim, inteiramente eficiente. — (Act of 1947). — O poder delegado ao Ministry of Town and Country Planning, — (Ministério de Planejamento Urbano e Rural), — representa o desejo de todo o Império Britânico de fortalecer a vida da Inglaterra, pelo ajustamento de suas partes, de modo a evitar desperdícios de seus recursos vitais e, ao mesmo tempo, garantir a segurança pública e o aumento da produção do terreno pelo máximo aproveitamento de cada cercado de terra e de quintal. Cientes do agudo perigo público, todos os partidos suportaram a experiência desse controle integral, mantido depois de estudo intensivo sobre as condições locais e nacionais. O público sabia que o governo não podia mais “esperar para ver”, mas necessitava “prever para precaver-se”.

Os coordenadores do aproveitamento da terra reconhecem francamente “o perigo da cristalização de um dogma imaturo” na prática das cláusulas do Act. Revelou-me um deles esta observação inteligente, sobre os institutos profissionais de planejamento: — senti que os homens mais eficientes são os que não têm doutrina irredutível em relação ao programa social. Firme trato com um grupo de disciplinas correlatas, com especialização numa delas, proporciona mais penetração e flexibilidade de pensamento do que uma superestimação das teorias sociais. Assim como o estado que estendeu sua proteção a cada cercado de terra, a cada pedaço de floresta, a cada entrada ou saída do pôrto, pode freqüente e mesmo súbitamente mudar de idéia; o Parlamento, que é representante do povo, deve também proteger seus cidadãos das conseqüências de seus próprios atos quando, como às vezes acontece, há conflitos de planos. Ou seria preciso dizer-se quando estes planos lutam entre si? Se organizações tão complexas parecem ter atingido, na Inglaterra, o limite da capacidade humana de agir racionalmente, por outro lado, ninguém parece capaz de simplificar o que o perigo e a aglomeração tornaram perturbadoramente complexos. As contradições internas dos planos são suas principais restrições; a complexidade seu principal perigo. Tanto mais complexo é um plano, quanto mais se afasta do interesse e competência do cidadão comum. Este é um dos pontos fracos que o governo comunista tem enormemente aproveitado na União Soviética. Somos felizes por têmos conseguido guardar na melhor parte de nossas terras mais espaço para preferências e emprêsas individuais, condição esta que somente pode desgostar o planejador *amateur* que, desejando acelerar a evolução social, é provável que pense nas infrutíferas e teóricas cláusulas do controle. Por conseguinte, uma conclusão tão ampla, no que respeita à nossa economia presente e estrutura social, não poderia ser tirada da experiência britânica atual.

CIÊNCIA GEOGRÁFICA E VALOR SOCIAL

A geografia tem tido, nos Estados Unidos, nestes últimos 50 anos, desenvolvimento igual ao da Grã-Bretanha, de tal forma que dificilmente existe naquele país uma universidade superior sem um departamento de geografia em separado, — tão insistentemente é solicitado por parte das organizações políticas, dos técnicos em educação, dos que se dedicam às ciências que exigem dados e princípios geográficos e dos próprios estudantes que pretendem dedicar-se à carreira geográfica, alguns em trabalhos acadêmicos e talvez um número maior — (agora às centenas) — no serviço público. Está-se comprovando, cada vez mais que a geografia tem, como ciência e disciplina, um valor tão definido e substancial, senão tão austero, quanto a física, a química ou a biologia. O que o laboratório é para o físico, o “campo” representa para o geógrafo. Homens que vivem no campo têm feito uma grande variedade de experiências em todos os graus do progresso cultural e numa ampla diversidade ambiental. Seus resultados oferecem-se à observação e crítica, análise e comparação. Além disso, experiências planejadas em desenvolvimento de recursos têm requerido o emprêgo de controles científicos e, por essa forma, adquirido rapidamente o ritmo de experiências perfeitas. A um grau correspondente, o campo da interpretação geográfica tem-se ampliado e aprofundado. Uma síntese regional da vida social exige um pesquisador que se ocupe inteiramente do assunto.

Não se torna, agora, necessário investigar a posição da geografia noutras regiões, para melhor ilustrar meu ponto de vista de que nos mais elevados centros culturais e nos mais adiantados países do mundo, a ciência geográfica é encarada agora como um elemento essencial de uma bem fundada instrução. O que não se distingue com a mesma clareza é a natureza da geografia e seus pontos de vista, — alguns dos quais sòmente se acham indicados aqui, — o que torna seu estudo indispensável, se procuramos a penetração requerida para idealizar, planejar e executar medidas que afetam nosso bem-estar social e, em alto grau, a paz e segurança do mundo.

O último ponto é crucial. Porque enquanto prosseguimos em nossa rotina diária, como se o mundo devesse inevitavelmente continuar de uma maneira ou de outra, com sua vida social e industrial altamente organizada e precariamente equilibrada, precisamos compreender que, se não tivermos paz e segurança em condições de liberdade, com lugar para a dignidade pessoal, iniciativa e ação, nosso padrão de vida cairá e tòda a estrutura social poderá, fatalmente, se enfraquecer. Os compromissos de nossas recentes guerras precisam ser solvidos e um melhor uso dos recursos e uma produção mais intensa ajudarão a evitar um pagamento em condições de miséria e desordem. Isto, em outras palavras, quer dizer que não devemos negligenciar qualquer objeto de estudos ou qualquer ponto de vista que nos forneça uma melhor compreensão do mundo, de seus recursos, diversidades e potencialidades. Todos os elementos fundamentais que dizem respeito à nossa capacidade de produzir e trabalhar conjuntamente para benefício mútuo num mundo pacífico, precisam ser trazidos à luz para esclarecerem o problema de sustentar a estrutura de nossa civilização ocidental, diversa e flexível.

MEDIDA E DIRETRIZES

Qual é a natureza do pensamento geográfico? E' em parte, como todo pensamento, porque ainda que comece com elementos acidentais ou sistemáticos ou mesmo simples fragmentos de sonho, adquire forma e torna-se decisivo para o fim. Isto quer dizer que ressalva importâncias e relações aparentes, responde ao ceticismo que porventura seja despertado em cada espírito esclarecido, e busca infatigavelmente relações de causas e efeitos. Uma vez saibamos o que dá origem a uma coisa, podemos mais rápida e racionalmente planejar-lhe o contròle. Rapidez e firmeza de contròle sòbre determinados órgãos capitais, tais como a saúde pública, torna-se mais e mais urgente com a densidade de população e seu complexo crescimento. O pensamento geográfico começa com uma observação ou idéia. Com seu próprio lastro especializado e um conjunto de idéias individuais, todo geógrafo se surpreende quando, alcançando o que se lhe apresenta como um novo território, percebe o quanto o mesmo fôra descuidado e passara despercebido. Ora um pequeno aspecto da climatologia local que reponte significativamente, ou uma fonte alimentícia ou uma idéia social confirmada por séculos de experiência em um meio específico. Começam as dúvidas. "Quanto, onde, por que e o que mais podia ser?" são os elétricos turbilhões do átomo da curiosidade no homem. Escolhemos a pergunta "quanto?" para comentário subsequente.

Medida, e, se possível, medida exata, é um dos elementos básicos da mais científica pesquisa. Em geografia, os mapas são os registros mais comuns de medidas de campo, reduzidos ao simbolismo convencional, como condição de uso comparativo. Para o leigo, todos os mapas parecem muito semelhantes, diferencando-se apenas pelas côres, mas para o geógrafo, os levantamentos originais, a projeção, a disposição técnica, a escala, o simbolismo e a relativa fidedignidade, são os primeiros objetos de estudo, se o mapa é destinado a ser um instrumento de interpretação. Um dos fatores do gênio militar de NAPOLEÃO era apoiar-se em mapas extraordinariamente exatos. De um limitado ponto de vista topográfico, alguém poderia achar ainda útil um mapa de seu tempo. Era êle um sagaz e perito interpretador de mapas e seus epigramas geográficos têm ainda larga circulação. Possuía o que alguns chamariam, hoje em dia, "senso geopolítico", mas como desgosto profundamente desta expressão pretenciosa, prefiro a frase simples e banal, "senso geográfico".

Em um ponto NAPOLEÃO cometeu um êrro sério aplicando seu “senso geográfico”. Persuadira-se, talvez pelo brilho das vitórias e de seu sucesso quase uniforme em qualquer espécie de terreno, de que poderia invadir e conquistar a Inglaterra. Como HITLER, teve que renunciar ao projeto. Aprendeu, como êste, que mesmo uma estreita faixa de água — (pouco mais de 20 milhas de largura em seu ponto mais estreito) — tem alto valor estratégico. Uma estreita faixa de água salgada é um obstáculo terrível, porque ninguém pode fazê-la desaparecer, nem improvisar-lhe uma ponte. Precisa-se contar com a variação de suas marés, o capricho do vento e das ondas e a travessia em completa armadura militar, contra uma resistência que tem espaço para manobras navais e frotas à disposição, como os capitães da armada espanhola descobriram. HITLER pensou que nesta era do ar, seus aeroplanos podiam destruir doutrinas ancestrais e diminuir de tal modo o poder do canal, que poderia, sob a proteção aérea, aventurar suas tropas através dêle. Pensou conquistar a livre manobra aérea, sabendo que, no mar, tal não lhe seria possível. Outros fatores estiveram também em jôgo, tais como a tenacidade da Inglaterra, o valor e sacrifício da Royal Air Force, o poder invencível da marinha inglêsa em anular o engenho aparente da força invasora, e o limitado poderio aéreo disponível que lutou ao lado dos defensores da ilha. A perícia e uma tradição inspiradora também tiveram seu lugar: — “Seja o que fôr que estiver para vir, compreendemos os negócios do mar inteiramente”. — (WINSTON CHURCHILL). Foi ainda a estreita faixa de mar, o cinto de água salgada inglêsa, o fator básico em tôda esta invasão estratégica. Armada de um lado por uma indústria moderna e de outro por uma frota comandada por capitães destemidos, a Inglaterra foi auxiliada por sua geografia a um grau tal que a habilitou a continuar, senão inviolada, pelo menos independente.

Os elementos geográficos estratégicos sôbre os quais NAPOLEÃO podia ter-se enganado, não podem ser, é claro, pesados em uma balança de laboratório ou dispostos em fórmula matemática. Por trás de suas aplicações, necessita haver julgamentos humanos sôbre fatos humanos. Ninguém pode medir um fato geográfico, embora físico e concreto e dizer: — “Ei-lo aqui, submeta-o em uma máquina de calcular ou mande avaliá-lo por um corpo técnico, a fim de saber o que se deverá fazer com um determinado componente ou instrumento militar em um dado instante”. E’ necessário haver sempre alguma coisa mais do que um rol de fatos e figuras; deve-se formar um juízo acêrca dos elementos humanos envolvidos, atentando no que fazem, ao que podem fazer ou ao que possam ser levados a fazer. E o julgamento repousa, ainda, no reino do imponderável. Nenhum homem pode pretender ser infalível ou puramente “científico” se navega ao redor de nebulosos promontórios do comportamento humano. “Nos momentos culminantes da vida, o espírito precisa alçar-se sôzinho, para além de sua base”.

A medida é ainda um precursor essencial dos julgamentos humanos, tanto em relação às grandes como às simples questões de ordem política, militar ou civil. Muitos dos problemas sôbre o aproveitamento da terra, água, florestas, dos recursos em geral, podem sômente ser resolvidos se tivermos um cálculo perfeito e seguro sôbre seus elementos. Antes de determinarmos a quantidade de madeira a ser derrubada em uma determinada extensão de terra, precisamos saber o grau de crescimento das árvores em todo seu ciclo vital. O que devemos cortar e quando cortar, são questões que podem ser respondidas sômente depois de um cálculo cuidadoso e de uma compreensão científica sôbre a biologia da árvore em relação aos elementos geográficos do meio. A medida oferece uma outra vantagem. Se os imponderáveis comportamentos humanos, bons ou maus, limitam a aplicação da ciência na sociedade humana, é também verdade que a ciência diminui a área de sua imponderabilidade. Medidas científicas reduzem o raio das conjecturas e estabelecem menores limites à incerteza. Todos nós devemos estar lembrados quão vasto é o mar onde os submarinos podem esconder-se em tempos de guerra, mas no entanto, cada nova descoberta nessa matéria, sôbre potência e velocidade, requer novas medidas oceanográficas pela razão oposta. Regras e “protractor” têm agora de ser flexíveis, não rígidos, e um índice de flexibilidade é tão importante em interpretação geográfica como uma escala de milhas.

GEOGRAFIA, MATÉRIA MUTÁVEL

Do ponto de vista da aplicação social e uso, o mundo intelectual e material é um vasto e impenetrável complexo de forças. Não podemos reter tudo em nosso espírito todo o tempo e em qualquer ocasião. Algumas descobertas científicas exigem que confinemos nossas vistas a fim de aprofundar a compreensão por uma determinada linha do pensamento. Vista por êste prisma, a especialização é indispensável. O mundo jamais conheceu um pensador que não fôsse excepcionalmente versado em algum terreno. Seu saber é seu bilhete de entrada à tenda principal. Logo que é feita uma descoberta, necessita-se verificar a estrutura ou composição dentro da qual o conhecimento recém-adquirido tem seu lugar, seja na ciência ou na vida. Dessa forma, cada cientista torna-se a seu tempo um instrumento social em espírito ou, de qualquer maneira, em efeito. Através dêle, geram-se forças que se entrecrocam na vida e podem mudá-la, — aqui, para seu aperfeiçoamento; lá, em sua perda.

Acontece ser a geografia uma ciência tão ampla e diretamente social como as que mais o sejam. Esta é a razão pela qual tem provado ser tão útil aos departamentos de história, negócios internacionais, biologia, administração, estruturas e processos sociais. E' também a razão pela qual a geografia é mutável.

Quantas vêzes temos ouvido, aliás de pessoas inteligentes, que “a geografia da terra é fixa, mas sua história varia”. O contraste nada vale. A geografia da terra varia e, em certas ocasiões e lugares, varia profundamente. Pode-se ilustrar o fato pelas mudanças climáticas havidas desde o tempo do homem das cavernas, ou as operadas sôbre a terra pelas erosões do solo e desflorestamento, algumas por processos naturais, outras pela influência do homem.

Mas, não é sôbre seu aspecto físico que a geografia se tem transformado mais. O geógrafo preocupa-se tanto com as relações, como com as cousas relacionadas. A evolução social da sociedade humana tem sido apressada pela ciência moderna e engenharia e pela difusão da migração tènicamente preparada sôbre a maior parte das terras habitáveis. Uma sociedade variável tem encontrado dessa forma, nesses avanços pioneiros, uma série de circunstâncias diferentes, onde o clima é demasiado quente ou demasiado frio ou a terra excessivamente úmida ou excessivamente sêca. A orla pioneira tem sido um laboratório de valor inestimável tanto para o historiador como para o geógrafo, no qual as sociedades, jovens e empíricas adaptam-se a novas condições e a novas práticas culturais e técnicas, com um mínimo de influência das cidades. Entretanto num grau mais alto, neste século, como nunca, o pioneiro, de início, depende do resultado da colheita para revelar-lhe as condições físicas de seu meio, e do govêrno, para dar-lhe escolas, casas, telefones, bibliotecas, serviços médicos, estradas de rodagem ou caminhos de ferro. E' cômscio de sua posição marginal em relação às colheitas e clima, mas é igualmente sabedor do poder do seu govêrno em resolver-lhe os principais problemas e deficiências sociais. O pioneiro moderno exige que o govêrno assuma muitos dos riscos de sua aventura.

Em certas regiões da África onde é possível uma colonização branca e onde existe também uma substancial população nativa a ser considerada, tôda a sorte de problemas correlatos defrontam o pioneiro. Poderão ser aproveitadas as faculdades dos nativos? Que salários serão justos e equitativos? O trabalhador nativo necessita que até a sua alimentação seja fiscalizada, a fim de se saber se o trabalho e as calorias estão em equilíbrio. Eis aí a colonização pioneira por contrato, — os brancos estabelecem as normas de seu próprio comportamento. O geógrafo não fica menos em evidência até que os limites das reservas nativas sejam estabelecidas em relação à sua cultura e às exigências de sua subsistência e até que os acres de terra produtiva do branco sejam relacionados com a mineração, florestamento, transporte e mão-de-obra. O setor africano de defesa do Império Britânico está amplamente baseado em uma nova interpretação do mapa da África, com máquinas e quilometragens, ligadas entre si, e ao terreno e clima. O remoto colono de hoje pode ser o centro de uma intensa atividade de amanhã, fazendo-se as amplas asas da tecnologia descer sôbre êle. Num grau mais elevado do que nunca, a vida econômica do pioneiro, — colono estabelecido na África e alhures —, é apenas um fio de um tear, de modo algum, um vestuário completo. Não se rege pela escrituração universal.

Deve comprar e vender ao preço que outros lhe estabeleceram. A aritmética da colonização está se tornando, por toda a parte, mais complexa.

Regiões pouco desenvolvidas dependem, via de regra, de capital estrangeiro que se submete às suas próprias condições e leis. Na Arábia, súbitamente, o capital deixa de ser um produto de longa e lenta acumulação para surgir da terra, da noite para o dia e uma generosa parte desse lucro, ganho sem esforço, é aplicado em trabalhos de engenharia que conservam a água e permitem o controle de seu uso e o crescimento da população e produção em uma terra tão miseravelmente dotada. A exploração científica do petróleo, abrindo uma possibilidade de valor, tem o efeito indireto de abrir outra. Uma terra deserta tem uma geografia física que se transforma constantemente, mas devagar. Em um grau revolucionário, o homem modifica a sua geografia à medida que avança. Onde o espírito se introduz, a significação da terra varia rápida e constantemente. Um cálculo dessas transformações é um dos instrumentos essenciais de pesquisa da colonização pioneira de hoje.

A bioquímica moderna introduziu uma nova dinâmica na interpretação geográfica. Cada região produtora, tanto velha como nova, necessita ser avaliada novamente no sentido do que pode a ciência fazer para transformar-lhe solos e plantações, algumas vezes, para aperfeiçoamento do produto, outras, para melhor satisfazerem às exigências da produção. Quando os primeiros solos escuros dos pantanos de Flórida foram clareados na expectativa de fartas colheitas de hortaliças, observou-se que o primeiro aipo que vingou era verde, mole e aguado. Sem gosto e consistência, era um produto invendável. Descobriu-se pela experiência que uma adição infinitesimal de cobre, supria-lhe os requisitos deficientes. Foi descoberto também em solos diversos — alguns novos, outros já esgotados parcialmente por 100 a 200 anos de cultura — que vários elementos como o boro, cobalto, manganês, molibdeno e zinco eram necessários para boas colheitas, sendo que em muitos casos estavam ausentes ou eram deficientes. O estudo dessas substâncias fertilizantes ou micronutrientes tem demonstrado que elas representam um papel fundamental na fisiologia das plantas, animais e homens. Hoje, em uma série de lugares na Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, África, Canadá e Estados Unidos, o estudo destas substâncias fertilizantes tem sido intensificado, na tentativa de descobrir-se sua atuação na biologia e na economia das plantas. Eis aí uma esfera definida na qual o homem pode mudar as condições do seu ambiente. A evidência é clara e convincente. O que não está tão claro é como são alcançados os efeitos dessas substâncias fertilizantes e qual a relação existente entre elas e os outros processos bioquímicos que afetam a saúde e o crescimento das plantas, homens e animais.

Nos domínios de Delamere, em Kenya, os resultados das deficiências dessas substâncias fertilizantes apareceram 40 anos atrás, em solos relativamente novos. A moléstia conhecida por "nakuritis" varreu gado e rebanhos em grande escala. Hoje, nessa mesma terra, vive um gado em excelentes condições devido a uma ração semanal de cobalto. Um químico de Nova Zelândia, onde surgiram dificuldades semelhantes, descobriu a cura e conseguiu de novo a produção de um solo tão fraco, tênue e pobremente dotado que, de outra forma, estaria esgotado em poucos anos. A história é a mesma na Austrália, onde, no deserto, 90 milhas ao sul, opera-se uma revolução na indústria do gado, em virtude de dois milhões de acres de terras incultas estarem a reclamar a aplicação de quantidades extremamente pequenas de sulfato de cobre e zinco, usados juntamente com superfosfatos. Em muitas zonas dos Estados Unidos e Canadá, as doenças no gado por deficiências têm sido curadas pelos mesmos processos, principalmente em áreas onde grandes colheitas têm consumido as pequenas porções originais de micronutrientes, cuja ação e existência eram desconhecidas até há poucos anos.

TERRITÓRIOS DEPENDENTES

Quando o Ato de Assistência Estrangeira de 1948 entrou em vigor, abriu-se uma perspectiva de benefícios públicos não limitados apenas aos Estados Unidos ou Europa Ocidental, porque os territórios dependentes se tornaram, então, uma parte do problema geral

de recuperação mundial. A produção é, em toda parte, a grande necessidade do momento. A menos que aumentemos a produção não poderemos jamais solver nossas dívidas de guerra, nem manter o mesmo padrão de vida e, muito menos, erguê-lo. Elevar o padrão de vida das áreas depauperadas deve ser o objetivo de esforços conjugados, se contamos com a ameaça do comunismo. Muito tempo antes da 2.^a guerra mundial ficou evidente que os líderes soviéticos tinham seus olhos fixos sobre os territórios dependentes, como um campo fértil para suas explorações doutrinárias.

Firmemente determinados a destruir o mundo não comunista, descobriram nas colônias e outros territórios dependentes meios de cultivar a desordem, a separação e confusão de pensamento, — ambiente em que floresce a doutrina comunista, e reduzir, senão exterminar inteiramente as fontes de certas matérias-primas, essenciais à indústria na Europa Ocidental e Estados Unidos. O comunismo alimenta descontentes entre os “povos dependentes” do mundo, propalando a “exploração capitalista”, como princípio e o fim da história do comércio e a razão da produção industrial.

Seria fácil documentar as deficiências dos poderes coloniais. E' igualmente fácil depreciar o índice de realizações beneficentes. Não há mais pensar na abolição de escravatura no mundo — na maior parte do mundo. Isso é uma velha história, mas foi precisamente o poder capitalista que pôs termo às compras e vendas de entes humanos. E' difícil avaliar a extensão em que a escravatura prevalecia em territórios fora do alcance dos poderes coloniais. Alega-se que as colônias deviam receber mais benefícios pela sua produção do que o que recebem no momento. E' isto, inegavelmente, verdadeiro em alguns casos em que uma população, em franco crescimento, — (devido à melhor produção e medidas sanitárias) —, mantém o padrão de vida ao nível apenas da subsistência, enquanto são negligenciadas as suas possibilidades. Todavia, na maioria das colônias não existia produção para exportação se não fossem presentes os interesses industriais, os navios, os inúmeros investimentos de capitais, a organização e experiência comercial, a prática e talento para negócios, a identificação de minas de carvão, eletricidade e força hidráulica, que dependem das descobertas científicas, especializações técnicas e empresas comerciais, dos chamados “exploradores”. Tão importante como a questão da divisão de benefícios entre as colônias e a metrópole, é o paradoxo do aumento da população que mantém o nível de vida baixo, enquanto os próprios padrões de saúde e ordem públicas do branco, transplantados para as colônias, concorrem para esse aumento de população. Os planos se chocam enquanto a lógica e o tempo permanecem incomunicáveis. As diretrizes ficam, deste modo, paralisadas por um dilema.

A maioria das críticas à colonização tem sido levantada com chavões, empregados levianamente. “Nacionalismo” e “imperialismo” tornaram-se nomes ofensivos. Não precisamos mais do que atirá-los a uma grande potência qualquer, para ficarmos convencidos de ter demonstrado alguma coisa. Pode a mente primitiva resistir a delusória influência da repetição de meias-verdades? Os líderes do Kremlin conhecem o valor desse instrumento contundente sobre as mentalidades simples. Mesmo durante os dias mais críticos da guerra, os planos comunistas, para depois dela, eram impelidos com um ritmo apenas reduzido. Era esta a negra realidade que se escondia por detrás da chamada “Cooperação aliada”. Os brindes dos líderes aliados, em suas várias conferências, estavam em profundo desacôrdo com a imensa força de desmoralização que o Politburo já estava espalhando sobre o mundo.

No fim da 1.^a guerra mundial, as forças políticas da consciência internacional entraram em cena, quando ficou reconhecido que os povos política, social e industrialmente imaturos da Alemanha vencida, não podiam sobreviver sob as tensas condições do mundo moderno, se entregues a si mesmos. O sistema de mandato foi então estabelecido e um tratamento adequado fixado pela Liga das Nações, que atribuiu a responsabilidade dele aos impérios coloniais. Em 1945, com a criação das Nações Unidas, essa responsabilidade foi investida por um dos seus órgãos, o Conselho Administrativo. Os povos das antigas colônias alemãs passaram a ter uma Côrte de Justiça, o mesmo acontecendo com quaisquer outros grupos colocados voluntariamente sob a direção do Conselho Administrativo.

Contudo persiste a proporção fatal entre a produção e as populações nativas independentemente das fórmulas políticas tendentes a melhorá-la. A menos que lhe garanta, no mínimo, o pão cotidiano, nenhuma doutrina é benéfica para o homem cujo padrão de

vida é o mais baixo possível. O espetáculo do elevado padrão de vida do branco é para o nativo uma constante alusão de que outros estão recebendo, não importa como, mercadorias em escala mais alta do que a sua. A criação de meios de produção por capitais exteriores põe pessoas que desfrutam os mais altos padrões de conforto material em contacto com as sociedades primitivas, onde o contraste é mais provocante. Não é possível a produção em uma escala comercial expressiva sem reunir interesses de um grupo colonial aos maiores consórcios e estruturas da vida industrial nos países onde capitais aleatórios são acumulados. Por detrás dessa acumulação de capitais está uma história que não pode ser abolida e um fato natural que nenhum artifício humano pode suprimir. Para compreensão dessa história e desse fato, requer-se uma breve digressão em relação ao tempo e lugar.

SENTIDO DE TEMPO E DE LUGAR

Um homem a quem falte sentido de tempo e de lugar não está educado. Onde estamos nós em relação ao tempo, onde vivemos? Não é dado ao homem mudar o mundo, da noite para o dia — uma mudança mesmo pequena, de um lugar para outro, leva tempo. O “lugar”, quer seja grande ou pequeno condiciona e, por conseguinte, limita o esforço. EMERSON nos lembra que não fomos convidados a percorrer o Universo. Nem fomos nós que fizemos a terra ou seu conteúdo e diferenças. A vida na terra tem sido sempre desigual em suas partes, desde o princípio e através dos tempos. Algumas correntes migratórias, antigas e recentes, deslocaram-se para sítios favoráveis, outras para zonas rigorosas. Ergueram-se culturas à proporção que o espírito do homem concebia idéias, códigos, idiomas, instrumentos, comidas, adornos e crenças. Infinitos projetos criadores sucederam-se entre o espírito e a ação, entre a cultura e o meio, onde quer que o homem fôsse livre de escolher, rejeitar ou modificar. Quando era adotada uma nova idéia sobre um meio, era como se o próprio meio houvesse sido modificado. O que havia sido negligenciado, descobria-se ser de utilidade. O homem primitivo não cavava o solo à procura de carvão, nem levantava moinhos ou fábricas. Tudo isto é resultante de uma longa evolução, à medida que as sucessivas descobertas e desenvolvimentos mudavam tanto o sentido como o uso da terra, modificando-os desigualmente de lugar para lugar.

*

Em nenhuma época no mundo as coisas têm sido iguais, nem foi dado a alguém deter o processo do pensamento, da invenção, a desigual distribuição de benefícios e tornar tôdas as sociedades iguais em um mundo onde os homens estão, ainda, em geral, vivendo encerrados em seus ambientes diferentes.

Alguns povos têm sido favorecidos pelo meio, outros têm prosseguido no mesmo padrão cultural baixo, nos mesmos desalentadores lugares, por gerações consecutivas. A grande força da palavra escrita surgiu em cena, com efeitos revolucionários. Através dela os homens conheceram-se uns aos outros, de modo que se estão tornando cada vez mais cônscios de sua condição. Comparam-se entre si. E' isto tão certo entre mim e você, como entre o nativo e o dono das plantações, entre o camponês da Gamboa, produtor de ervilhas e o capitão do pôrto para onde elas são transportadas a caminho dos mercados brancos.

Não se pode cogitar de fazer retroceder o relógio e impedir o impulso da literatura. Se povos imaturos estão para se tornarem independentes, devido aos agulhões de consciência de seus atuais dirigentes, terão que sucumbir por fim, a menos que sejam esclarecidos sobre as possibilidades e sacrifícios dos episódios que a história divulga perante eles. Se pretendermos melhorar as sociedades coloniais, com uma dose melhor de liberdade, precisamos, primeiro, mostrar-lhes como se instruírem a si próprios, no sentido de um melhor aproveitamento de seus recursos.

Cumprindo o Ato de Assistência Estrangeira, o objetivo é erguer a produção por um vigoroso e constante ataque às possibilidades, tanto da metrópole como das colônias. Não precisamos considerar neste lugar os vários e múltiplos aspectos técnicos. O resultado conseguido por esta forma coincidindo com as medidas práticas de colaboração entre a colônia e a metrópole, proclamadas já pela maioria das potências coloniais, pode reduzir os contrastes

de padrões que, no momento, ajudam a turbar a política mundial. Se a complexa e delicada estrutura do mundo industrial moderno se desmoronasse, ocasionaria simplesmente a ruína de todos os povos. A consciência, conforme expressa em enfáticas declarações administrativas, exige que exploremos todos os caminhos que prometam levar ao levantamento do padrão de vida daqueles que estão agora perdidos em um labirinto de transformações, tanto a respeito do próprio ambiente e cultura, como em suas relações com o mundo exterior. O progresso material e cultural necessita vir em primeiro lugar ou um governo autônomo seria completamente inútil.

Ninguém e governo algum foi ainda capaz de invocar uma fórmula mágica que pudesse igualar as coisas neste mundo diverso. Sem um sentido de tempo e de lugar, qualquer um pode, levemente, argumentar que as coisas podiam ser iguais. Tal argumento conceitua-se, algumas vezes, como idealista, por ser pôsto no sentido igualitário. Eu o denominaria de insensatez, visto desprezar as necessidades do "próximo passo" a dar. É fácil imaginar a Utopia; difícil é indicar-lhe a direção e descrever-lhe o caminho. Um governo mundial é a última das utopias. Deixar os problemas de cada país às decisões de um Comitê Central. De qual *comité*? Qual deve ser a sua filosofia: Comunismo ou Democracia? Quando alguém sugeriu a GROMYKO uma grande série de clássicos para ajudar a unificação do mundo, ele formulou três questões: — "Que clássicos, que língua, quem paga?" — Ninguém foi ainda capaz de demonstrar como é possível um governo mundial sem força e força significa guerra. O que os defensores de um governo mundial estão realmente dizendo é que querem guerra, a fim de conseguirem um só governo. Não têm coragem de enfrentar este irrefutável argumento e conclusão. Não nos dirão quais são o primeiro, segundo, terceiro e quarto passo, hoje e amanhã.

Discutindo, nesses termos, a questão dos territórios dependentes, tentei levar o leitor, das principais considerações geográficas ao ponto em que a complexidade dos acontecimentos, o entrelaçamento de disciplinas e a associação de interesses de cientistas, sociólogos e estadistas, são evidentes. Na mais ampla contextura da vida, ninguém pode dar uma clara e precisa definição de geografia. Cada matéria abrange um conjunto de conhecimentos especializados que somente preenchem sua finalidade social quando, unidos a outros aspectos do conhecimento, chegam a amplas concepções de valor prático em relação à sociedade e que podem ser condensados nas normas públicas.

Quem se preocupa em calcular a porção de cada ingrediente, — econômico, político ou científico —, que encerram, de momento a momento, as diretrizes políticas? Novas capacidades de análise não são derivadas de definições pedantes de u'a matéria. A essência de um determinado elemento, de um fenômeno, não está na sua definição. É claro que para usufruir as vantagens da especialização, precisamos identificar nossas disciplinas, definir nossas secções e prover uma estrutura para o estudo e a pesquisa. Mas isto é tão somente uma norma administrativa das escolas e universidades, não é a vida.

DEFESA EM PROFUNDIDADE

O que dissemos sobre a geografia não é menos verdadeiro em relação aos assuntos que lhe são correlatos. Aquêles que têm trabalhado na base da filosofia de cooperação de interesses culturais, podem apreciar o serviço prestado pela geografia científica, dando mais penetração às interpretações históricas e econômicas, ampliando nossos conhecimentos sobre a diversidade do meio e da cultura e o desenvolvimento cronologicamente desigual que repousa na raiz de tantas de nossas dificuldades internacionais. Essas desigualdades não necessitam ser consideradas como uma maldição irreparável. Podem mesmo ser uma vantagem, como nos demonstrou um dos nossos maiores geógrafos, ALEXANDRE VON HUMBOLDT, quando há 150 anos atrás, asseverou que se tôdas as ricas reservas da terra fôsem úteis a todos os povos — (poderíamos acrescentar, agora: a quem teve a inteligência e a iniciativa de desenvolvê-las, assegurá-las para si) — o gôzo das mesmas, poderia, então, ser proporcionado às oportunidades.

A geografia, como estudo, tem aspectos fascinantes. Gosto da vida e do panorama dos desertos, mas nunca fui capaz de exprimir, adequadamente, porque os aprecio. Sinto que me atraem estética e emocionalmente. Outros geógrafos encontram belezas e satisfações em sociedades e terras diferentes. O Prof. FLEURE tem uma única definição: — “Geografia é o de que gosto”. Viram vocês um acentuado traço dessa sua filosofia em meu vário discurso desta noite. Apresentei-lhes um feixe de conhecimentos geográficos, alguns científicos, outros sistematicamente arranjados e ordenados e muitos deles capazes de aproveitar ao estudante, ao estadista, ao gerente de indústria, a fim de compreenderem melhor a terra, vale dizer, o seu uso num sentido melhor de benefícios mútuos. Hoje pode isso, também, significar a realização de uma humana “defesa em profundidade”, para resistir ao poder do comunismo que deriva sua força da degradação da virilidade e do caráter, de um materialismo exclusivo, da confusão entre as nações e sociedades, tanto entre as daqueles povos dependentes, e das formas de escravidão do pensamento e liberdade para as quais a morte é uma alternativa feliz de centenas de milhões de homens e mulheres que ainda estão livres para escolher.
